

# SERVIÇO-ESCOLA DE PSICOLOGIA E POTENCIALIDADES DOS PROJETOS DE EXTENSÃO: CONSTRUÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS EM SAÚDE MENTAL

## PSYCHOLOGY SERVICE IN SCHOOLS AND THE POTENTIAL OF EXTENSION PROJECTS: CONSTRUCTION OF PUBLIC POLICIES ON MENTAL HEALTH

Maria Lúcia Mantovanelli Ortolan<sup>1</sup>

Maíra Bonafé Sei<sup>2</sup>

Kawane Chudis Victrio<sup>3</sup>

**RESUMO:** Os serviços-escola de Psicologia são responsáveis por propor novas tecnologias, visto seu lugar na produção de conhecimento, pautado na tríade ensino-pesquisa-extensão. Relata-se a implantação de dois projetos de extensão ofertados pelo serviços-escola de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina: Grupo de Dinâmicas e Plantão Psicológico, compreendendo-os como serviços inovadores na composição da rede de saúde mental do município e potentes intervenções sociais. Legitimar o lugar do serviços-escola de Psicologia na construção de tecnologias sociais, sobretudo em relação à saúde mental na rede pública, é de grande valia à formação do psicólogo ante os novos *locus* de trabalho, como no Sistema Único de Saúde. Também se faz essa proposta válida na medida em que o Sistema Único de Saúde agrega um serviço para colaborar com uma saúde pública resolutiva e com qualidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tecnologias Sociais; Serviços-escola de Psicologia; Saúde Pública; Saúde Mental; Relações Comunidade-Instituição.

**ABSTRACT:** The psychology services in schools are responsible for proposing new technologies, given their place in the production of knowledge, based on teaching, research and extension. We report on the implementation of two extension projects offered by the psychology service of the State University of Londrina: Groups of Dynamics and Psychological emergency service, comprised by innovative services in the composition of the mental health network of the municipality and powerful social interventions. Legitimizing the place of the school psychology service in the construction of social technologies, especially in relation to mental health in the public network, is of great value to the formation of the psychologist, in view of the new working locus, such as in the Unified Health System. This proposal is valid insofar as the Unified Health System adds a service to promote public health with resolute and quality.

**Licença CC BY:**

Artigo distribuído sob os termos Creative Commons, permite uso e distribuição irrestrita em qualquer meio desde que o autor credite a fonte original.

- 1 Graduação em Psicologia (UEL). Residência Multiprofissional em Saúde da Família (UEL). *E-mail:* ortolan78@gmail.com.
- 2 Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado em Psicologia Clínica (IP-USP). Professora adjunta do Departamento de Psicologia e Psicanálise e Diretora da Clínica Psicológica da UEL. *E-mail:* mairabonafe@gmail.com
- 3 Graduação em Psicologia (UEL). *E-mail:* kwanecv@hotmail.com.





**KEYWORDS:** Social Technologies; Psychology school services; Public health; Mental health; Community Institution Relations.

Os serviços-escola de psicologia (SEP) surgem de uma obrigação legal, desde o reconhecimento da profissão no Brasil, em 1962, como *locus* de prática profissionalizante para o estudante de psicologia. Assim, seu objetivo primeiro não era de acolher as necessidades e as demandas da comunidade (BOECKEL *et al.*, 2010; GOMES & DIMENSTEIN, 2016). De acordo com as Diretrizes Curriculares (BRASIL, 2004) para os cursos de graduação em psicologia, preconiza-se a instalação de um SEP para atender às exigências de formação do psicólogo e também objetivando ofertar cuidado frente à demanda de serviço psicológico da comunidade na qual está inserido. De maneira geral, entende-se, então, os SEP como instituições que alocam práticas e modalidades psicológicas nas mais variadas possibilidades e abordagens teóricas (SANTEIRO; ROCHA; ARAÚJO, 2013), podendo desenvolver intervenções que contemplem objetivos e públicos diversos, tais como foco nas ênfases do currículo de processos clínicos, além de subsidiar a investigação científica, gestão em saúde, prevenção e promoção em saúde, dentre outros (BORSA *et al.*, 2013; CARDOSO; MUNHOZ, 2013).

Em se tratando da saúde mental na esfera pública, posterior à reforma psiquiátrica, a organização das políticas públicas em saúde mental deixa de ser hospitalocêntrica e passa a se descentralizar, tendo os dispositivos substitutivos como constituintes da Rede de Atenção Psicossocial (RAP). A RAP foi instituída com a Portaria nº 3088 de dezembro de 2011 e republicada em maio de 2013. Ela é destinada a pessoas em sofrimento psíquico, com transtornos mentais e necessidades em decorrência do uso de álcool, *crack* e outras drogas. A rede é responsável por promover maior acesso da população aos serviços de atenção psicossocial, favorecer a criação de vínculos do público-alvo e seus familiares a esses serviços, garantir a articulação e a integração dos pontos de atenção das redes de saúde no território e qualificar o cuidado por meio do acolhimento, acompanhamento e atenção às urgências (BRASIL, 2014a). Dentre os serviços que compõem a RAP, estão: Centro de Atenção Psicossocial modalidades adulto, álcool e drogas e infanto-juvenil, Unidade Básica de Saúde, Núcleo de Apoio a Saúde da Família, Consultório de Rua, Centros de Convivência, Serviços Residenciais Terapêuticos, dentre outros (BRASIL, 2011). Ressalta-se que os SEPs não estão formalmente inseridos nesta rede, todavia, fazem parte dela, sendo um dispositivo muito usado em termos de encaminhamentos de transtornos leves e moderados, advindos especialmente da atenção primária à saúde (SANTOS; MANDELBAUM, 2016), interpretando, assim, que, no trabalho vivo e real, os SEPs constituem a rede de saúde mental do município em que se encontra.

Mesmo sem esta inserção formal do SEP na composição da rede, a articulação da universidade com as políticas públicas em saúde já é datada de bem antes: a organização do Sistema de Saúde da cidade aconteceu mediante a implantação da universidade, nos anos 1970, quando esta possibilitou ofertar campo de estágio para estudantes de medicina em duas Unidades de Saúde em bairros urbano-periféricos (ORTOLAN; SEI, 2016). Houve, em 1992, o processo de municipalização da atenção à saúde, o que potencializou o papel da universidade, principalmente do SEP, uma vez que este se presta a servir tanto à comunidade interna quanto à externa, abrangendo crianças, adolescentes, adultos ou idosos ligados à rede de atenção à saúde mental e assistência social (MACHADO; COTTA; SOARES, 2015).

No que concerne às atividades realizadas nos SEPs, Gomes e Dimenstein (2016) encontraram ainda a predominância de um modelo de atenção clínico tradicional, todavia se

mostraram articulações, mesmo que ainda tímidas, com as redes de saúde e de assistência social da região. Mesmo estes sendo lugares de atendimento psicológico, com práticas clínicas tradicionais, mas também com algumas outras propostas inovadoras, eles “ainda permanecem isolados, seja dos demais cursos que compõem o rol de categorias profissionais que atuam nesse âmbito, seja dos serviços de saúde e de assistência social” (GOMES; DIMENSTEIN, 2016, p. 1217), mantendo uma relação informal dos serviços-escola com as redes de cuidado psicossocial. Observa-se, ademais, que este cenário se perpetua também pela escassez de publicações que problematizem o papel destes serviços na operacionalização dos princípios e das diretrizes das políticas públicas de saúde e assistência social. Entende-se que estudos como o aqui apresentado contribuem com a necessidade de reinvenção dessa instituição, para que possa atuar como parceira legítima do SUS.

Alguns poucos SEPs, mediante as publicações científicas, estão reavaliando este modelo e inovando na área de saúde pública. Este é o caso do Serviço de Atendimento Psicológico (SAP) da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), que, em 2005, “possibilitava o exercício de atividades de prevenção primária na comunidade e do contato direto com grupos em seu contexto” (BOECKEL *et al.*, 2010, p. 43). É também o caso do SEP da Universidade Estadual de Londrina (UEL) que, com a implantação de dois serviços, o Grupo de Dinâmicas e o Plantão Psicológico, repensa o seu lugar na formação profissional e na comunidade. Deste modo, objetiva-se relatar e problematizar a experiência de implementação e cotidiano de trabalho dos serviços do Grupo de Dinâmicas e Plantão Psicológico, como projetos de extensão, na Clínica Psicológica da UEL, a partir de 2015. Almeja-se também refletir sobre os resultados, os limites e as potencialidades destas intervenções realizadas até aqui, juntamente com ideia de que os SEPs são espaços potentes de construção de políticas públicas em saúde mental.

O curso de Psicologia na UEL é ofertado desde 1972 pelo Centro de Ciências Biológicas e é constituído por três departamentos: Psicologia Geral e Análise do Comportamento (PGAC), Psicologia e Psicanálise (PPSIC) e Psicologia Social e Institucional (PSI). Em termos de práticas profissionalizantes, os estágios obrigatórios, até então restritos ao 5º ano do curso, se dividiam nas áreas de Psicologia Clínica (Abordagem Comportamental ou Psicanalítica), Psicologia Escolar e Psicologia Organizacional e do Trabalho.

O Ministério da Educação, com a vigência das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Psicologia (BRASIL, 2011), entendeu ser pertinente uma reorganização curricular, implantada na UEL em 2014, que possibilitou aos discentes iniciarem seus estágios logo nos primeiros anos do curso de graduação. Esta inserção dos estudantes mais cedo nos campos de trabalho foi de grande avanço, pois as conexões de rede são assim facilitadas, possibilitando cada vez mais parcerias da universidade com os serviços de ponta. Além disso, o currículo foi dividido em ênfases de processos clínicos, processos de saúde e processos sociais e institucionais, facilitando o estabelecimento de parcerias com os serviços institucionais internos à universidade, como o próprio serviço-escola de Psicologia e os demais serviços da rede de saúde.

No que se refere ao SEP da UEL, este funciona conforme o calendário da universidade, em horário comercial, com abertura no período noturno, até as nove horas da noite, de segunda a quarta-feira. Os serviços prestados, de maneira geral, são: psicoterapia individual, por meio de estágio curricular; avaliação psicológica; psicoterapia de grupo, de casal e família, por meio de projetos de ensino, pesquisa e extensão. Entretanto, desde o ano de 2015, conta com o Plantão Psicológico (ORTOLAN; SEI, 2016) e o Grupo de Dinâmicas (ZANLUQUI *et al.*, 2017). A princípio,



a motivação para a criação destes últimos dois serviços centrou-se na demanda pela psicoterapia individual, que acarreta extensa fila de espera. Contabilizou-se, assim, entre os anos de 2015 e início de 2016; um montante de mais de 350 pessoas na fila de espera, entre adultos, adolescentes e crianças, diante de uma capacidade aproximada de atendimento de 80 casos concomitantes, haja vista ser este o número de estagiários que realizavam os atendimentos, com a tarefa de atender pelo menos um paciente para o estágio de Psicologia Clínica.

O Grupo de Dinâmicas, em seu início intitulado Grupo de Espera e inspirado nos grupos de espera desenvolvidos em outros serviços-escola de Psicologia (GUERRELHAS; BUENO; SILVARES, 2000; GUERRELHAS; SILVARES, 2000), objetivou acolher esses usuários, em fila de espera ou já triados aguardando atendimento. Diferentemente do proposto nos grupos de espera desenvolvidos no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, optou-se por um enquadre de grupo aberto, destinado a diferentes faixas etárias, enquanto que no IP-USP, o grupo de espera era fechado a inscritos previamente selecionados e direcionado para o público infantil. O Grupo de Dinâmicas se transformou, então, em um serviço aberto a toda a comunidade, não sendo requisito estar na fila de espera. O Grupo de Dinâmicas é oferecido a três tipos de população: Grupo para Crianças, de até 11 anos; Grupo para Adolescentes, de até 17 anos e o Grupo para Adultos, a partir de 18 anos; acontecem semanalmente, em períodos matutino e vespertino. A ideia é que esse seja um espaço de promoção de saúde mental – são realizadas atividades de convivência em torno de uma proposta, tais como trabalhos manuais, apresentação de vídeos e um tema do cotidiano para discussão, como família, trabalho, amigos, autoestima, dentre outros (SEI, 2016).

Os Grupos de Dinâmicas não foram delineados com o objetivo de se organizarem como grupos psicoterapêuticos, apesar de ser possível observar fatores terapêuticos em ação nos mesmos (FRANCO; MAIRENO; SEI, 2016). Assim, a cada encontro é apresentada uma dinâmica, um tema a ser trabalhado coletivamente, sem uma demanda de fala livre por parte dos participantes, como em grupos psicoterapêuticos de orientação psicanalítica (ZIMERMAN, 2000). Com isso, percebeu-se haver ainda uma lacuna entre o momento da procura do usuário pelo serviço e o recebimento do acolhimento individual, demandado por muitos dos inscritos no serviço, percepção que culminou na criação de outro tipo de intervenção que pudesse ajudar a acolher estes indivíduos solicitantes de atenção psicológica: o Plantão Psicológico, cujos atendimentos são realizados por discentes de 4º e 5º ano de graduação em Psicologia e profissionais já formados que atuam como colaboradores externos. São ofertados atendimentos de segunda a sexta-feira do meio-dia às duas horas da tarde, além de um dia das oito da manhã às seis horas da tarde e outro das seis às oito horas da noite, de forma a facilitar a participação dos interessados. O atendimento não necessita de agendamento prévio e respeita a ordem de chegada dos usuários.

No Brasil esta modalidade de atendimento começou a ser ofertada na década de 1960 no instituto de psicologia da USP. Este tipo de intervenção clínica se configura como um dispositivo de escuta e acolhimento da experiência do sujeito que pretende dar subsídios à mobilização dos recursos dele para a resolução de um conflito pontual (PEREIRA *et al.*, 2016). Foi organizado, no SEP em questão, para atendimento individual de adultos, apesar de já ter havido demanda por plantões psicológicos familiares ou de adolescentes, sendo interessante notar que a literatura sobre o tema apresenta experiências com crianças (RIBEIRO; SEQUEIRA, 2005), adolescentes (AUN, 2006) e famílias (BARRA, 2012). Apesar do caráter pontual da intervenção, permitem-se um a dois retornos da pessoa ao plantão sem, contudo, garantir que ela será atendida pelo mesmo plantonista.

O plantão acolhe, além dos usuários que procuram a clínica de modo espontâneo, aqueles que são encaminhados por diversos tipos de serviços do município e da região. Entretanto, nota-se que nem todos os casos atendidos são indicados para o atendimento psicológico. A experiência, ainda que recente, mostra a pertinência do conhecimento da rede de saúde da região de Londrina para que possam ser realizados os encaminhamentos adequados a cada caso. Os casos atendidos são discutidos semanalmente pelos plantonistas junto a docentes da universidade vinculados ao projeto. Tal como o Grupo de Dinâmicas, este tipo de proposta tem a intenção de promover a saúde mental da população que busca pelo atendimento psicológico no SEP da UEL, bem como contribuir com a formação dos profissionais e estudantes envolvidos no projeto, estimulando o raciocínio e o manejo clínico frente à demanda emergencial.

## OS PROJETOS DE EXTENSÃO E A INTEGRAÇÃO COM A REDE DE SAÚDE MENTAL: CONSIDERAÇÕES

O Grupo de Dinâmicas e o Plantão Psicológico são experiências que podem ser consideradas intervenções de acolhimento, uma em modalidade grupal e outra individual. A Política Nacional de Humanização (PNH) do SUS (BRASIL, 2006) descreve acolhimento, em saúde, como uma ferramenta tecnológica de intervenção que busca “qualificar a escuta, construir vínculos, garantir acesso com responsabilização e resolutividade nos serviços” (PELISOLI *et al.*, 2014, p. 226). O acolhimento diz respeito ao encontro, ao vínculo que é estabelecido entre profissionais e usuários do SUS, implica humanização, escuta qualificada e busca favorecer a construção de relações de compromisso e confiança. Além de prestar atendimentos resolutivos, tem por objetivo estabelecer articulações entre os serviços da rede, encaminhando e orientando usuários e seus familiares para a continuidade da assistência, adequando os serviços a cada caso e reconhecendo o usuário como sujeito e participante ativo neste processo.

Desta forma, o acolhimento em saúde promove a ampliação efetiva do acesso à Atenção Básica (AB) e aos demais níveis do sistema. Além disso, a PNH do SUS estabelece o acolhimento como um dos processos constitutivos das práticas de produção e promoção da saúde (PELISOLI *et al.*, 2014; GUERRERO *et al.*, 2013). Portanto, por se tratarem de serviços que proporcionam acolhimento aos usuários e, quando necessário, aos seus familiares, pode-se pensar os dois projetos de extensão apresentados neste trabalho como promotores de saúde. A Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS), em seu artigo segundo, trata a promoção da saúde como estratégia de produção de saúde, tanto individual quanto coletivo, se identificando por articular e manter a formação da RAS a nível intra e intersectorial (BRASIL, 2014b).

Por meio da experiência com os dois projetos de extensão mencionados, observou-se que a divulgação e a boa prática cotidiana destes serviços proporcionaram ao SEP estabelecer um diálogo com o campo da Assistência Social e da Saúde Mental. O SEP referencia e contrarreferencia os usuários de plantão psicológico para o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), Unidade Básica de Saúde (UBS), Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS), Centro de Referência em Assistência Social (CRAS), escolas, hospitais, dentre outros (ORTOLAN; BEZERRA & SEI, 2016).

Ao proporcionar a ativação da rede com a implantação do plantão psicológico e do grupo de dinâmicas na universidade, pôde-se indicar a importância de se desenvolver novas práticas em



saúde que se adequem às necessidades reais do público que busca os SEP, propiciando a qualificação do futuro psicólogo, refletindo e podendo reformular suas intervenções e também tornando o SUS mais singularizado a cada usuário (MARTURANO; SILVARES; OLIVEIRA, 2014).

Com este tipo de estruturação do SEP, com serviços e profissionais em prol do desenvolvimento de ações de prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde psicológica e psicossocial, entende-se que a rede de atenção primária em saúde ganha mais um dispositivo para somar no desafio que é a inserção da saúde mental nesse nível de abrangência de saúde. Defende-se que o plantão psicológico e o grupo de dinâmicas se apresentam como intervenções clínicas com o potencial de promoção da saúde. Nestes quase dois anos de serviço, observaram-se vários frutos das ações realizadas, tecendo-se diversas reflexões acerca da prática empreendida. Pôde-se compreender que o SEP se delineou como um serviço potente, “capaz de não apenas promover saúde mental da população que dele faz uso, como também favorecer o diálogo entre serviços, devendo se constituir como uma prática a ser cuidada e ampliada” (ORTOLAN; SEI, 2016, p. 33).

Além disso, acredita-se que os projetos de extensão aqui apresentados são duplamente importantes, seja no âmbito da formação profissional do psicólogo, seja no contexto da prestação de serviço de saúde pública à comunidade. O desenvolvimento destas práticas nos serviços-escola de Psicologia fomenta a formação de psicólogos para atuação nas políticas de saúde e assistência social, o que ainda é inovador para a psicologia como classe de trabalho: sua identidade e formação nas políticas públicas, principalmente na APS. Quanto à prestação de serviço à comunidade, projetos como esse almejam a inserção, a integração e a comunicação do serviço-escola de psicologia junto à Rede de Apoio Psicossocial (RAP) em específico. É por meio dos projetos de extensão que a universidade cumpre a sua responsabilidade em ser mais um dispositivo de atendimento ao usuário de saúde, no caso, e não apenas um *lôcus* de produção de conhecimento.

## REFERÊNCIAS

- AUN, H. A. *et al.* Transgressão e juventude encarcerada: outras versões a partir do plantão psicológico em unidades de internação da FEBEM/SP. **Imaginário**, São Paulo, v. 12, n. 12, p. 35-53, jun. 2006.
- BARRA, T. Y. **Experiência de psicólogos em Plantão Psicológico: introduzindo o atendimento a famílias**. 2012. 158 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.
- BOECKEL, M. G. *et al.* O papel do serviço-escola na consolidação do projeto pedagógico do curso de Psicologia. **Psicologia: Ensino & Formação**, v. 1, n. 1, p. 41-52, abr. 2010.
- BORSA, J. C. *et al.* Caracterização da clientela infanto-juvenil de uma clínica-escola de avaliação psicológica de uma universidade brasileira. **Psico**, v. 44, n. 1, p. 73-81, 2013.
- BRASIL. Resolução nº 5, de 12 de abril de 2004. **Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Psicologia**. Brasília, 2004.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. **HumanizaSUS**: documento base para gestores e trabalhadores do SUS. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.
- BRASIL. Resolução nº 5, de 15 de março de 2011. **Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia**. Brasília, 2011.

- BRASIL. Ministério da Saúde. **RAPS: Rede de Atenção Psicossocial**. 2014a.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 2446, de 11 de novembro de 2014. **Redefine a Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS)**, Brasília, 2014b.
- CARDOSO, A. M.; MUNHOZ, M. L. P. Grupo de espera na clínica-escola: intervenção em arteterapia. **Revista da SPAGESP**, v. 14, n. 1, p. 43-54, 2013.
- FRANCO, R. C.; MAIRENO, D. P.; SEI, M. B. Os fatores terapêuticos nos grupos de dinâmicas com adolescentes ofertados à comunidade na Clínica Psicológica da UEL. In: I JORNADA DE PRÁTICAS CLÍNICAS DA UEL - 40 ANOS DE CLÍNICA PSICOLÓGICA DA UEL, 2016, Londrina. **Anais da I Jornada de Práticas Clínicas da UEL - 40 anos de Clínica Psicológica da UEL**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 28-9 jul. 2016. p. 78-78.
- GOMES, M. A. F.; DIMENSTEIN, M. Serviço escola de psicologia e as políticas de saúde e de assistência social. **Temas em Psicologia**, v. 24, n. 4, p. 1217-1231, dez. 2016.
- GUERRERO, P. *et al.* O acolhimento como boa prática na atenção básica à saúde. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 22, n. 1, p. 132-140, mar. 2013.
- GUERRELHAS, F.; BUENO, M.; SILVARES, E. F. D. M. Grupo de ludoterapia comportamental X Grupo de espera recreativo infantil. **Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 157-169, dez. 2000.
- GUERRELHAS, F.; SILVARES, E. F. D. M. Grupos de espera recreativos: proposta para diminuir o índice de evasão em clínica-escola de psicologia. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 3, p. 313-321, dez. 2000.
- MACHADO, J. C.; COTTA, R. M. M.; SOARES, J. B. Reflexões sobre o processo de municipalização das políticas de saúde: a questão da descontinuidade político-administrativa. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 19, n. 52, p. 159-170. 2015.
- MARTURANO, E. M.; SILVARES, E. F. M.; OLIVEIRA, M. S. Serviços-escola de psicologia: seu lugar no circuito de permuta do conhecimento. **Temas em psicologia**, v. 22, n. 2, p. 457-470, dez. 2014.
- ORTOLAN, M. L. M.; SEI, M. B. Plantão psicológico no serviço-escola de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 7, n. 1, p. 29-35, 2016.
- ORTOLAN, M. L. M.; BEZERRA, P. V.; SEI, M. B. O sujeito da pós-modernidade e a emergência psicológica: caracterização dos usuários do Plantão Psicológico da UEL. In: 7º SIM SAÚDE- SIMPÓSIO EM SAÚDE 2016, 2016, Araçatuba. **Archives of Health Investigation - Proceedings of the 7º Sim Saúde - Simpósio em Saúde 2016/Annual Meeting**. Araçatuba: Unesp, 17 set. 2016. p. 46-46.
- PELISOLI, C. *et al.* Acolhimento em saúde: uma revisão sistemática em periódicos brasileiros. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 31, n. 2, p. 225-235, jun. 2014.
- PEREIRA, G. I. L. *et al.* Plantão psicológico psicanalítico e diagnóstico: relato de um caso clínico. **Psicologia em Foco**, v. 6, n. 1, p. 114-132, jul./dez. 2016.
- RIBEIRO, P. W.; SEQUEIRA, V. C. O abuso sexual e a criança: o caso João e Maria. **Boletim de Iniciação Científica em Psicologia**, v. 6, p. 19-32, 2005.
- SANTEIRO, T. V.; ROCHA, G. M. A.; ARAÚJO, D. S. A. Implantação de um serviço-escola de Psicologia no centro-oeste brasileiro: usuários e atendimentos. **Perspectivas em Psicologia**, v. 17, n. 2, 2013.



SANTOS, W. T. M.; MANDELBAUM, B. P. H. Entre o potencial e o precário: a inserção in (tensa) de profissionais da psicologia nos NASF. **Barbarói**, n. 48, p. 168-184, 2016.

SEI, M. B. Práticas grupais com crianças: uma proposta para a atenção básica em saúde. In: RIBEIRO, D. P. S. A.; ABRÃO J. L. F. (Orgs.). **Práticas grupais na infância: perspectiva psicanalítica**. São Paulo: Zagodoni, 2016. p. 79- 91.

ZANLUQUI, L. V.; ORTOLAN, M. L. M.; FORNASIER, S. B. R.; SEI, M. B. Grupo de dinâmicas com crianças na Clínica Psicológica da UEL. **Caminho Aberto: Revista de Extensão do IFSC**, v. 4, n. 6, p. 65-68, 2017.

ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos básicos das grupoterapias**. Porto Alegre: Artmed, 2000.